

## REDES SOCIAIS NA INTERNET: UM ESTUDO DO COMPARTILHAMENTO DE MÚSICAS NO MULTIPLY

Iky Anne Fonseca Dias<sup>1</sup>  
Antônio Marcus Lima Figueiredo<sup>2</sup>

**Resumo:** Rede social é uma das formas de representação dos relacionamentos dos seres entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos, onde os atores sociais são os nós da rede conectados entre si por suas interações. Tais interações são constituídas de capital social e determinam a estrutura e a dinâmica das redes sociais. Na internet, diversos sites servem como plataforma para a formação destas redes, dentre os quais estudamos o caso Multiply. O compartilhamento de músicas nesta plataforma acontece em redes com características peculiares que nos permitiram observar a existência de uma interseção entre os aspectos humanos e tecnológicos na comunicação mediada por computador transformadora dos processos informacionais e sociais.

**Palavras-chave:** internet, redes sociais, compartilhamento, música.

### 1 INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais têm grande influência nas transformações ocorridas na sociedade. Por meio das redes telemáticas, o PC (computador pessoal) tornou-se CC, isto é, um computador coletivo, do qual a sociedade apropriou-se como uma nova ferramenta associativa e comunitária dando origem à cibercultura, o resultado da sinergia entre a sociabilidade contemporânea e as tecnologias microeletrônicas (LEMOS, 2002). A sociedade em rede mudou as formas de pensar a comunicação mediada, exigindo uma reconfiguração das mídias tradicionais. Através de um único meio é possível realizar a comunicação um-um, um-todos e todos-todos (PRIMO, 2007). Conhecer as causas e os desdobramentos de tantas mudanças é um desafio, principalmente devido à velocidade com que elas ocorrem.

Neste contexto, a formação de redes sociais no ciberespaço merece atenção, uma vez que é cada vez maior o número de integrantes destas e sua existência se reflete inegavelmente na realidade *offline*. A troca de bens culturais tem se espalhado nestas redes, sem custos para as pessoas, que além de disponibilizar estes recursos, podem também usufruir do acervo criado pelo grupo. Isto reflete como as Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs), centrais na vida contemporânea, têm feito

---

<sup>1</sup> Discente de graduação em Comunicação Social – Radialismo da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus - BA. Bolsista de Iniciação Científica ICB/UESC 2009/2010. [ikyannedias@yahoo.com.br](mailto:ikyannedias@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Cultura e Turismo pela UFBA/UESC. Professor assistente do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus - BA. [antonio\\_uesc@yahoo.com.br](mailto:antonio_uesc@yahoo.com.br)

emergir uma nova relação com a sociabilidade, a produção, a propriedade e a autoridade. As redes de parceria “vem modificando substancialmente os modelos de acesso aos bens culturais” (BONORANDI, 2009, p.2).

A metáfora de redes, originariamente matemática, deslocou-se para diversas áreas das ciências sociais. Em uma definição simples, rede social é uma das formas de representação, dos relacionamentos dos seres entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos. Na rede há o compartilhamento de idéias e valores entre pessoas que possuem interesses e objetivos em comum. Para se falar em redes sociais na internet é necessário ponderar que há pessoas que interagem entre si, tão quanto é importante considerar as especificidades do meio, como afirma Recuero (2009). Entendemos, assim como a autora, sites de redes sociais (SRS) como ferramentas ou espaços utilizados para a expressão de redes sociais na internet. Seu diferencial é permitir a visibilidade pública e a articulação das redes sociais.

Este artigo tem o objetivo de analisar a rede formada em torno do compartilhamento de música no Multiply, buscando compreender a estrutura e a dinâmica desta rede. Para tal, buscou-se uma metodologia de análise de redes sociais, tendo como base o trabalho de Recuero (2009), que prevê o estudo a partir dos elementos básicos que constituem as redes: os atores sociais, os nós da rede, e as conexões entre estes nós.

### **1.1 Multiply**

Muitos sites funcionam como suporte para a formação destas redes no ciberespaço, mas alguns SRS destacam-se por suas especificidades. Dentre estes está o Multiply. Quatorze milhões de usuários em todo o mundo utilizam esta plataforma para criar um perfil, uma página pessoal na internet, e compartilhar arquivos multimídia ilimitadamente. Acreditamos que por meio deste estudo de caso coletivo “torna-se possível aprimorar o conhecimento acerca do universo a que pertencem” (GIL, 2002, p. 139). A escolha das redes formadas em torno da música se deu devido à necessidade de delineamento da pesquisa, pela grande quantidade de participantes no Brasil e pelas lutas travadas desde o início do compartilhamento gratuito na internet deste tipo de arquivo digital.

Para ter uma página pessoal no Multiply basta um cadastro simples no site, lançado em março de 2004 pela empresa norte-americana *Multiply Inc.* O Multiply foi escolhido em 2007 como um dos homenageados na categoria *Social/Networking* de

Comunicações do 11º *Webby Awards*, que é considerado o “Oscar da Internet”. Nesta plataforma digital, a rede é composta por contatos diretos, através da adição de amigos, cuja natureza da relação pode ser especificada em família, amigos, contatos profissionais, e assim por diante. A partir desta classificação cada ator pode selecionar com quem irá compartilhar o seu conteúdo, se com sua rede inteira, ou apenas com alguns grupos, ou ainda se suas postagens podem ter visualização pública. Esta liberdade de escolha influencia a constituição de laços sociais e a circulação do capital social na rede, como veremos mais adiante.

No Multiply o conteúdo é organizado por tipo de postagem (músicas, *links*, vídeos, fotografias etc.). Estas postagens podem receber comentários, além disso, cada perfil tem uma página de recados o que amplia as possibilidades de interação possibilitadas pelo site. As atualizações de cada ator social, sejam elas inserções de conteúdo ou comentários sobre as mesmas, são automaticamente enviadas para as caixas de entrada dos seus contatos através de um sistema RSS *feed*<sup>3</sup>. Ao oferecer a possibilidade troca de música digital, os “Termos de Serviço e Uso” do Multiply previam que os usuários disponibilizassem apenas músicas das quais tivessem direitos autorais. Estes termos foram amplamente violados e a facilidade com que músicas de diversos artistas eram compartilhadas nos primórdios do serviço foi motivadora para a adesão de muitos usuários.

Tornou-se uma característica marcante deste site, a contínua tentativa de impedir a troca de músicas protegidas por direitos autorais, provavelmente devido a pressões da indústria fonográfica<sup>4</sup>. Do outro lado, usuários com domínio técnico investigam formas de burlar este uso programado, compartilham este saber e continuam a distribuição e o acesso livre a arquivos de áudio. Semelhantemente ao que aconteceu ao *Napster*<sup>5</sup>, mesmo a autuação judicial foi insuficiente para impedir o surgimento de novas ferramentas, “inventando modos de driblar a repressão e possibilitando uma interação entre pares mais eficiente” (BONORANDI, 2009, p. 4).

---

<sup>3</sup> *RSS (Really Simple Syndication)* é um subconjunto de arquivos que servem para agregar conteúdo, acessado mediante programas ou sites agregadores, cujo conteúdo é frequentemente atualizado. Para isso, são utilizados *Feeds RSS* que recebem estas atualizações (no caso do Multiply, o título e resumo da atualização com um *link* para o conteúdo na íntegra). Desta maneira o utilizador pode permanecer informado de diversas atualizações em diversos sites sem precisar visitá-los um a um.

<sup>4</sup> Segundo postagens de alguns usuários do Multiply, este teria sido processado pela empresa americana *Capitol Records* e suas subsidiárias controladas pela *EMI Music* nos Estados Unidos.

<sup>5</sup> Este programa de compartilhamento de arquivos em rede *peer to peer* (P2P) foi o alvo da primeira grande luta jurídica entre a indústria fonográfica e as redes de compartilhamento de música na internet. O *Napster* permitia a troca de arquivos (inclusive mp3) diretamente dos computadores conectados à rede de forma descentralizada, pois os computadores desempenhavam ao mesmo tempo as funções de servidor e cliente.

## 2 ELEMENTOS CONSTITUINTES DAS REDES SOCIAIS

### 2.1 Atores sociais

Os atores são o primeiro elemento de uma rede social. São os nós (*nodos*) da rede que moldam as estruturas por meio das interações. No ciberespaço, os atores são perfis, até mesmo coletivos. Na verdade, os perfis são representações dos atores sociais, construções de um “eu” que busca visualização e sociabilidade no ciberespaço. Estas representações são construídas continuamente e constituem faces múltiplas, pistas de uma identidade.

As formas como os atores sociais vão representar-se são constituídas pelas ferramentas de comunicação mediada por computador, a partir das possibilidades oferecidas por cada plataforma. No caso do Multiply, foram observadas as possibilidades de representação e constituição de atores sociais, através da organização de avatares. O ator pode colocar qualquer imagem para identificar seu perfil. Além do avatar, os atores podem ter vários álbuns de fotografias. Outra forma de construir a identidade no Multiply é a apropriação do boxe “*About Me*”, espaço em que o ator **pode** definir aquele perfil em palavras. Além disso, colabora para a identificação do ator a possibilidade de escolher livremente o layout de sua página, com a opção de fazer estas definições em HTML<sup>6</sup>.

As músicas, vídeos, textos que os atores postam também dão pistas de sua “personalidade”. A marcação de postagens como favoritas indica o que o dono do perfil mais gosta ou o que ele quer dar mais destaque. Pode-se assim conhecer o que cada ator costuma ouvir, ler, assistir ou ainda produzir. Distinguem-se seus interesses, enfim suas características. Os interagentes estão continuamente fazendo novas postagens, até mesmo removendo algumas, editando seu perfil. Por isso as representações estão dentro de um processo, em construção contínua.

Os atores têm necessidade de serem vistos no ciberespaço, como se esta fosse uma condição para a sua existência. A este fenômeno Sibilia (*apud* RECUERO, 2009) chama de “imperativo da visibilidade”. A visibilidade traz muitas vantagens para o nó. Quanto mais visível (conectado) está o ator, mais chances ele tem de receber informações que circulam na rede e de receber suporte social quando solicitar. Um interagente que não se faz notar de certa forma não existe, pois ninguém o conhece, nem

---

<sup>6</sup> HTML (*HyperText Markup Language*) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na internet que pode ser interpretada por navegadores.

o visita. Se ele não cria uma identidade ou deixa de atualizá-la, se ele não se mostra, ele torna-se uma espécie de fantasma da rede. Por isto, Recuero (2009) afirma que isto é um imperativo não só para a visibilidade, mas também para a sociabilidade na internet.

No Multiply tal fenômeno é bastante claro. Devido à possibilidade dos atores visualizarem as atualizações dos demais, quanto mais postagens um nó fizer, mais chance tem de ser visto (uma vez que são criados novos *links* para seu perfil) e de mais pessoas estarem interagindo com ele. Há um conflito muito peculiar do ator social que compartilha música no Multiply. Ao mesmo tempo em que o nó deseja tornar-se visível, fazendo muitos laços sociais e postagens, ele precisa controlar-se, pois uma grande visibilidade facilita com que suas postagens sem direitos autorais sejam flagradas pelo serviço e como consequência máxima o usuário pode ter sua conta excluída.

## **2.2 Conexões e laços sociais**

Enquanto os atores são os nós na metáfora de rede, as conexões são constituídas dos laços sociais formados a partir das interações entre os atores. A interação consiste nas trocas feitas entre os atores sociais, especialmente por meio da comunicação. Considera-se também que o computador não está neutro nas interações por ele mediadas, uma vez que cada meio oferece possibilidades e limitações. Desta forma, o conceito de interação aqui adotado é o de “ação entre” (inter+ação) pessoas ou até mesmo entre pessoa e máquina (PRIMO, 2007).

Primo destaca que, embora toda “ação entre” possa ser considerada interação, elas variam em nível qualitativo. Destarte, ele classifica a interatividade como reativa ou mútua. As interações reativas são aquelas pré-determinadas, como o *hiperlink* que leva sempre a um lugar previsto, os botões de adição de amigos, que mesmo limitados permitem relações sociais. As interações tornam-se mútuas quando permitem uma negociação, uma inventividade, são mais participativas. É o caso, por exemplo, do espaço para recados, comentários e as conversas *online*.

Na interação mútua os relacionamentos são recriados continuamente como resultado das ações dos interagentes por meio da comunicação. Cada interlocutor define a si mesmo e negocia com o outro, num choque de forças em busca de algum consenso. Além de competir, os indivíduos cooperam entre si. Ao compartilharem informações e arquivos de música, os atores cooperam e ao defenderem suas singularidades, disputam. Na interação mútua há unidade e diversidade. A comunicação permitida pela interatividade mútua é fundamental para o crescimento e complexificação das relações.

O diferencial da interação mútua em relação à reativa é a possibilidade de embate de idéias, essencial para a formação de uma sociedade mais justa.

As interações no ciberespaço podem ainda ser classificadas em síncronas ou assíncronas, de acordo com a simultaneidade das respostas (RECUERO, 2009). No Multiply, as ferramentas eram típicas de interações assíncronas, apesar da possibilidade de interagir simultaneamente numa página de recados, por exemplo. Recentemente, porém, foi estabelecida a conexão *online* com o Meebo, um mensageiro instantâneo da web. Por facilitar a conversação, e conseqüentemente o envolvimento com o outro, as interações síncronas facilitam o fortalecimento dos laços sociais.

O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Compreendemos que o padrão das interações vai definir os tipos de laços existentes entre dois ou mais participantes. “Laços são formas mais institucionalizadas de conexão, constituídos no tempo e através da interação social” (RECUERO, 2009, p.38).

De acordo com Recuero os laços podem ser categorizados em fortes e fracos. O primeiro tipo refere-se a laços mais íntimos, de atores que interagem com mais freqüência, que criam e mantêm uma relação. As trocas são mais concretas e em maior quantidade. Os laços fracos não traduzem intimidade e promovem trocas mais difusas entre os atores. Sua importância é grande, no entanto, pois conectam os grupos onde laços fortes são constituídos. “São fontes de informação, de trabalho de desempenho, de comunicação de envolvimento cívico e de divertimento.” (CASTELLS, 2003, p. 107) Embora alguns autores afirmem que na internet existam apenas laços fracos, ela suporta também laços fortes (CASTELLS, 2003).

O ciberespaço facilitou a desterritorialização dos laços, devido à simplicidade com que é possível criá-los e mantê-los laços independente da proximidade física, como resultado de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade. Hoje, para o estudo dos fatos humanos, importa mais que a proximidade física, o espaço prático, isto é, as proximidades efetivas, modificadas pela facilitação das conexões através dos novos meios de comunicação e transporte (LÉVY, 2000). Castells afirma que “a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade”. (2003, p. 107).

As pessoas formam seus laços não mais em sociedades locais, mas movidos por paixões, competências, hábitos, isto é, “segundo um mapa semântico ou subjetivo dos

centros de interesses” (LÉVY, 2000, p. 151), a exemplo das redes sociais estudadas, onde o que liga os atores é o seu interesse por músicas. Logo, é imprescindível estudar o conteúdo das conexões e conhecer o capital social envolvido para compreender melhor as interações.

Ao longo das últimas décadas, diversos cientistas sociais têm reformulado e/ou adaptado o conceito de capital social. Recuero (2009) retoma Coleman, Putnam e Bourdieu, para criar uma definição voltada para as redes sociais na internet, muito adequada ao este artigo. Recuero conceitua capital social como um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais. Este capital é construído e negociado entre eles e contribui para o fortalecimento dos laços e sedimentação das relações. Baseia-se na reciprocidade e é determinado pelo conteúdo das relações sociais. É um conjunto de recursos de um determinado grupo que pode ser usufruído por todos os membros, ainda que individualmente. Os recursos que os indivíduos têm acesso na rede se apresentam em dois níveis.

Em primeiro nível, isto é, no aspecto individual, o capital pode ser relacional, normativo ou cognitivo. O recurso relacional constitui-se das relações, laços e trocas entre os indivíduos, enquanto o normativo está relacionado às normas e valores de um grupo. Nas redes de compartilhamento de música no Multiply, cada ator cria suas condições para adicionar contatos, mas entorno de idéias comuns aos seus pares na rede. Dentre estas normas está a presença de fotografias e a quantidade de álbuns de músicas postados. É uma forma de “forçar” os demais a postarem. O recurso cognitivo está relacionado ao conhecimento e informações colocadas em comum num grupo. É comum nestas redes os atores divulgarem tutoriais que ensinam a compartilhar arquivos mp3 e driblarem a tentativa do Multiply de impedir o download deste formato de áudio. As próprias músicas trocadas, por serem produtos culturais, se encaixam nesta classificação de capital social.

Em segundo nível (aspecto coletivo), os recursos podem ser de dois tipos: institucional e confiança no ambiente social. O segundo nível demonstra maior maturidade e densidade da rede. Quanto mais a parte coletiva do capital social estiver fortalecida, maior a apropriação individual do capital. O recurso institucional refere-se às instituições formais e não formais, alto nível de cooperação e coordenação nos grupos. A confiança no ambiente social vem da crença na reciprocidade, no consenso e reflete-se na coletividade, criando valores sociais. Como dito anteriormente, a reciprocidade é uma exigência de alguns atores, os quais rompem conexões com nós

que passam muito tempo sem postar, pois são considerados aproveitadores (PRIMO, 2007). A confiança também se manifesta quando um ator solicita um determinado álbum de música e espera que alguém de sua rede colabore com ele.

Compreendemos então que o capital social é fundamental para a manutenção das redes sociais. Em cada ferramenta de rede social na internet o capital social pode ser percebido de uma forma diferente. No caso estudado, pôde constatar-se que o capital social está mais presente em primeiro nível, demonstrando que as relações entre os atores não são tão profundas, embora muito significativas. Conhecer o tipo de capital social é importante, pois além de motivar as conexões, ele ajuda a moldar os padrões interacionais que vão emergir da apropriação dos sites de redes sociais.

### **3 ESTRUTURA E DINÂMICA DAS REDES**

Mais do que a análise profunda das partes, o estudo das redes prevê o estudo das interações entre elas. Destarte, trata-se de um estudo metafórico, permitindo a análise dos agrupamentos sociais a partir de sua estrutura. Para uma compreensão mais profunda é importante o estudo da topologia das redes sociais. Recuero (2009) afirma que são três as principais topologias: centralizada, na qual um nó da rede possui a maior parte das conexões; onde um grupo pequeno de nós possui a maior parte das conexões; e distribuída, na qual todos os nós têm praticamente a mesma quantidade de conexões, sem relações hierárquicas. Antoun (2006), por sua vez, fala sobre dois tipos de estrutura de redes: a rede estrela, semelhante à centralizada; e a que se assemelha a uma teia de aranha, com vários eixos estruturados ou redes de centro/periferia interconectados, onde não há um nó sequer cuja remoção possa destruir a rede.

No Multiply, nem todos os atores têm a mesma quantidade de conexões, o que descaracteriza as redes formadas enquanto distribuídas. Em sua topologia, um pequeno número de nós está altamente interconectado (*hubs*), principalmente aqueles que postam maior quantidade de arquivos. Estes atores por sua vez estão ligados a nós mais fracos. Não há aqui um nó central que controla todas as ligações (ANTOUN, 2006). Assim, podemos classificar a rede social formada em torno do compartilhamento de música gospel no Multiply como descentralizada, pela categorização de Recuero, e ainda rede teia de aranha, segundo a classificação topológica de Antoun.

Esta concentração de conexões por alguns nós na internet foi constatada por pesquisas de Barabási e Albert (citadas por RECUERO, 2009 e ANTOUN, 2004). Denominados estudos das redes sem escalas, demonstraram que 20% dos nós

concentram 80% das conexões de uma rede e comprovaram que quanto maior o número de conexões de um nó, mais conexões ele tende a ter, uma vez que os outros nós desejam estar conectados a ele (e usufruir do conteúdo por eles disponibilizado). Os nós com um número muito grande de *links* são conectores, responsáveis pela grande proliferação de informações nas redes (BARABÁSI, 2009).

Alguns nós são considerados referências no Multiply por postarem muitos lançamentos que vão se espalhando rapidamente na rede devido à grande quantidade de conexões que possuem. A cada nova postagem de um ator, seus pares podem baixar e postar o mesmo arquivo, disponibilizando para outros nós da rede, além da opção oferecida pela plataforma de visualizar as postagens dos contatos de contatos. É, portanto, notória a importância dos conectores para o fluxo do capital social na rede.

Destacamos aqui a transformação proporcionada pela internet na forma de distribuição de informações, com maior interatividade e rapidez dentro dos grupos sociais, além de proporcionar o aparecimento de novos canais de comunicação. A difusão de informações é cada vez mais epidêmica, principalmente devido à presença dos conectores. Nas redes sociais, o fluxo da informação está relacionado ao capital social e resulta da cooperação e do conflito (RECUERO, 2009). Isto fica bastante nítido na distribuição gratuita de músicas gospel no Multiply, como veremos mais adiante.

Alguns valores contribuem para a difusão de informações na rede, tais como autoridade, popularidade e a influência dos nós (*idem*). A autoridade está relacionada ao poder de influência exercida por um ator, devido os tipos de informações que ele transmite e como elas são recebidas pelos demais. Está ligada à reputação, porém não se limita a ela. A reputação é uma consequência das ações de um determinado interagente e das impressões geradas nos demais. Um ator que busca autoridade constrói sua reputação tratando de um assunto específico, a exemplos de perfis no Multiply que postam apenas músicas antigas ou apenas *playbacks*. A autoridade de um nó pode levar outros atores a ouvirem um determinado artista que não conhecem, só porque aquele ator, autoridade no assunto, recomendou, ou ainda pela reputação que ele tem de só postar “música boa”. Já a popularidade e a visibilidade de um nó são decisivas para o alcance que as informações têm na rede. Destarte, a publicação de informações não acontece aleatoriamente, mas de acordo com a percepção do valor contido nelas.

É imprescindível considerar que a estrutura das redes sociais não é fixa, mas sempre modificada por processos dinâmicos (RECUERO, 2009). As redes sociais estão sempre em transformação devido às interações. Por isso, Antoun ressalta a importância

de investigar a intensa conversação dos grupos e seus desdobramentos nas conexões entre grupo e células através das redes para remover sua “casca”.

Para compreendermos as redes de poder livremente escaláveis, precisamos remover sua casca, ir além da estrutura e da topologia, como incita Barabási, pois a rede é apenas o esqueleto da complexidade, as vias para os diversos processos que fazem nosso mundo soar. Nelas, a narrativa é hipertextual, fazendo com que a dinâmica que tem lugar no tráfego entre as ligações (*links*) seja mais importante do que a estrutura e a topologia, pois só ela revela a viva interação entre os membros da rede (ANTOUN, 2004, p. 81)

As interações podem somar laços ou dirimi-los (RECUERO, 2009). Sendo assim, as redes estão sujeitas a processos de agregação, ruptura, ordem e caos, como qualquer sistema dinâmico. O hábito de alguns atores de romper contatos com quem deixa de interagir, por exemplo, evita uma artificialidade das redes apresentadas, afinal a conexão entre atores pode existir simplesmente porque em dado momento eles se adicionaram como amigos, surgindo daí um laço social. Porém, como este laço não precisa de nenhuma outra ação para ser mantido, a estrutura da rede não muda ao longo do tempo. Contudo, se os próprios atores rompem este laço, a rede ganha dinamicidade e torna-se mais efetiva.

Outro aspecto da dinamicidade das redes sociais na internet são os padrões de comportamento emergentes. São ações que não foram programadas pelo sistema servidor, porém tornam-se comuns entre os atores ao utilizarem a ferramenta. Um dos comportamentos emergentes na plataforma analisada é o compartilhamento de músicas protegidas por direitos autorais, embora os termos de uso do serviço determinem o contrário. Lemos (2004) chama de apropriação tecnológica a ação dos usuários que preenche um espaço não programado pelas instituições, através do desvio (*deviance*) em relação às instruções de uso.

Como o comportamento emergente vem dos usuários para a plataforma, esse mecanismo também é denominado *bottom-up*, de baixo para cima (RECUERO, 2009). Comprova-se então que as redes em estudo formam “uma teia sem aranha, auto-organizada, oferecendo o vívido exemplo de como as ações independentes de milhares de nós (*nodes*) e ligações (*links*) podem conduzir a um espetacular comportamento de emergência” (ANTOUN, 2006, p. 10). Existe aqui um contraponto. Enquanto na sociedade *offline* este comportamento ainda é considerado ilegal, eles são aceitáveis e

constituem-se como regras dentro destas redes sociais na internet. Daí o embate entre interagentes e plataforma. Os atores são convencidos pela adesão dos pares, constituindo assim o capital social da rede. Castro afirma:

Por seu turno, além de protegidos pelo anonimato da rede, usuários de serviços de compartilhamento gratuito se sentem psicologicamente legitimados pela adesão de milhares de outros pares na prática do troca-troca de arquivos de música via Internet. A maioria desses internautas não considera “propriamente um crime” baixar música de graça para consumo próprio.

Segundo essa percepção, permitir que outros usuários [...] acessem e baixem músicas de suas coleções através da rede assemelha-se a emprestar CDs que outros podem ouvir e copiar. Tais práticas não costumam ser percebidas como pirataria ou crime, mas como mero compartilhar entre amigos. (CASTRO, 2006, p. 3)

A dinâmica também compreende maneiras fundamentais de interação, os processos sociais, que influenciam diretamente a rede (RECUERO, 2009). Aqui está a cooperação, isto é quando os atores trabalham em prol de um objetivo comum, e o conflito, que é a luta de um contra outro. Conflito e cooperação são indissociáveis (PRIMO, 2007). A cooperação é a base da vida em sociedade. Pode ser gerada pelos interesses individuais ou do grupo, tal como pelo capital social envolvido, o que é notório no compartilhamento de música pelo Multiply. Uma forma de conflito é a competição, a forma básica de luta social, o desejo de destacar-se superando o outro, que muitas vezes otimiza a cooperação. A competição, a vontade de ter um “*status*” na rede, motiva o ator a postar mais, aumentando o fluxo de capital social.

O conflito muitas vezes gera rupturas na rede, contudo, pode contribuir para a renovação desta, quando a força a vivenciar mudanças. Observamos algumas situações de conflito nas redes sociais estudadas, manifestas nos recados enviados por alguns interagentes, afirmando que não vão adicionar o outro ator porque ele não compartilha, ou quando um usuário coloca algum conteúdo inadequado no grupo ou na página de outro ator (através de comentários e recados). A cooperação deve superar o conflito, caso contrário haverá um desgaste da rede. Ela é o tipo de processo mais frequente no objeto estudado. Foi através da cooperação que, por exemplo, boa parte dos usuários continuaram a postar louvores no site.

Quando o Multiply tentou impedir o compartilhamento de músicas removendo o *link* “*Download*” das faixas, os atores recorreram uns aos outros para saber o que estava acontecendo e como lidar com a novidade. Sem poder baixar, os interagentes não tinham mais motivação para postar e continuar na rede. Logo atores com maior domínio técnico sugeriram e ensinaram a utilização de alguns aplicativos. Outro ponto a ser abordado aqui é que, no tocante às redes sociais na internet, a ruptura pode ocorrer não apenas por causa da oposição entre atores, mas devido a um conflito, por se assim dizer, com a própria ferramenta. É o caso dos desligamentos de alguns usuários devido à insatisfação pelas ações contínuas do Multiply para impedir o *download* de mp3. As redes sociais então se auto-organizam e adaptam ante as transformações e situações novas, modificando-se ao longo do tempo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foram analisadas as redes sociais no Multiply, a partir do compartilhamento de música. As trocas entre os atores são constituídas de capital social. Destarte, ao compartilhar músicas, os indivíduos trocam além do arquivo em si, valores de reciprocidade, confiança e apoio, normas para a participação, formas de conduta aceitas e construídas dentro dos grupos, além do conhecimento. A construção do capital social no Multiply é feito através da apropriação tecnológica deste suporte, muitas vezes burlando as instruções de uso do sistema a fim de dar continuidade ao compartilhamento.

O fluxo destas músicas dentro das redes sociais, tal como em outros sistemas no ciberespaço, faz com que estas chegassem, embora de modo ilegal, em velocidade muito maior a regiões distantes e não metropolitanas, onde o acesso aos lançamentos do mercado fonográfico demorava um tempo significativo. Esta distribuição gratuita é, no entanto, inaceitável por boa parte da indústria fonográfica, o que se reflete no esforço do Multiply em impedir o *download* de faixas de áudio. Este conflito que por um lado gerou uma ruptura por parte de alguns nós da rede, fortaleceu a cooperação e os laços sociais entre outros atores que se uniram em busca de alternativas para continuarem o compartilhamento.

Tal fenômeno comprova a teoria de Castells (1999) que os novos recursos tecnológicos contribuem com que os indivíduos tenham maior capacidade de reconstruir estruturas de sociabilidade de baixo para cima. Para Castells, essas tendências equivalem ao triunfo do indivíduo, embora os custos para a sociedade ainda sejam obscuros. A menos que se assuma que os indivíduos estão reconstruindo o padrão da

interação social, com a ajuda de novos recursos tecnológicos, para criar uma nova sociedade: a sociedade em rede.

Compreendemos então que nas redes sociais na internet existe um cruzamento entre os aspectos humanos, seja individuais ou coletivos, e os recursos tecnológicos, especialmente no que se refere às possibilidades e limitações que estes dispõem àqueles. Em tal contexto, torna-se impossível ignorar que esta intersecção transforma os processos de distribuição e emissão de informações, como também as formas de organização e relações sociais, culturais, políticas e econômicas da sociedade contemporânea, em contraponto ao paradigma de que o individualismo e a configuração centralizada são os únicos meios de desenvolvimento social e motivadores do bem comum.

## 5 REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. Cooperação, colaboração e mercado na cibercultura. **E-Compós:** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, dez. 2006. (pp. 1-24) Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewArticle/109>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

ANTOUN, Henrique. O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura. **Revista Fronteiras:** estudos midiáticos, São Leopoldo - RS, v. VI, n. 2. jul./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/pdfs\\_frenteiras/vol6n2/10\\_art\\_05\\_67a86.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_frenteiras/vol6n2/10_art_05_67a86.pdf)>. Acesso em: 18 Fev. 2010.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked:** A nova ciência dos networks. São Paulo: Leopardo Editora, 2009.

BONORANDI, Giuliano Djahjah. Dinâmicas da Parceria: fuga e controle nas redes de comunicação distribuída. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0486-1.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade; trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Gisela G. S.. Pirataria na música digital: internet, direito autoral e novas práticas de consumo. **UNirevista**, v.1, n. 3, julho, 2006. Disponível em: <[http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Castro.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Castro.PDF)>. Acesso em: 27 Ago. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 139.

LEMOS, André. Aspectos da Cibercultura: vida social nas redes telemáticas. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massas às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002. pp.111-129.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: GUIMARÃES, César. JÚNIOR, Chico (org.). **Informação e Democracia**. Rio de Janeiro- EdUERJ, 2000. p. 151.

LÉVY, Pierre. **Educação e Cybercultura**: a nova relação com o saber. Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/node/587>>. Acesso em 13 out. 2009.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Porto Alegre: Sulina, 2007. (Coleção Cibercultura)

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

TERMO DE SERVIÇO E USO. Disponível em: <<http://multiply.com/info/tos>>. Acesso em 03. Mar. 2010.